

CAVRELL, Holly Elizabeth. D'AJELLO, Paula Telles. DE LACERDA, Maitê Neris, BIAZOTTO, Sara Mazon Toffoli. **Cia Domínio Público 20 anos**. Campinas: Unicamp, Debate Aberto de Grupo de Pesquisa. Coordenação: Holly Elizabeth Cavrell. III Seminário de Pesquisas do PPG Artes da Cena, Campinas, Unicamp, 2015.

## RESUMO

A Cia. Domínio Público, criada em 1995 por Holly Cavrell, conceituada bailarina, coreógrafa e atualmente professora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), é um grupo de pesquisa e criação em dança contemporânea, que busca desenvolver e aprofundar novas expressões de linguagem corporal, visando a criação, produção e circulação de espetáculos artísticos. A Cia. Domínio Público recebe este nome por ter como princípio facilitar o acesso à dança para pessoas de qualquer idade, classe social ou região. Neste sentido, busca cada vez mais romper barreiras entre o artista e o espectador, se abrindo para a experimentação do corpo em relação a diferentes espaços. Pretende não somente estabelecer novas possibilidades de troca e conexão com as pessoas que transitam ou ocupam esses espaços, mas também fomentar novas formas de criação e fazer artístico.

Palavras-chave: dança contemporânea, espaços urbanos, intervenção

## ABSTRACT

The Public Domain Company, created in 1995 by Holly Cavrell, a renowned dancer, choreographer and currently professor at the State University of Campinas (Unicamp), is a group that researches creative processes in contemporary dance by seeking to develop and deepen new expressions of dance language, aiming at the creation, production and circulation of artistic works and events. Cia. Public Domain gets its name by developing, as its objective, ways to access dance for people of any age, social class or region. In this sense, the group is increasingly breaking down barriers between the artist and the audience by studying the body in relation to different performance venues. It intends not only to establish new possibilities of exchange and connection with people transiting or occupying these spaces, but also questioning and fostering new ways of creating and performing art.

Keywords: contemporary dance, intervention, urban spaces

A Cia. Domínio Público atua hoje como um grupo de pesquisa artística e desenvolve uma dinâmica compartilhada de pesquisa em arte, criação e reflexão. Como chegamos a isso é uma longa história. A partir de encontros de estudos teóricos e, principalmente práticos, que servem como preparação para projetos artísticos, adquirimos uma forma natural de articular com a academia, sem deixar de lado o conteúdo artístico, permitindo cruzamentos de diferentes informações. Junto com isso vem a necessidade de outras interfaces: a interdisciplinaridade.

Com um pai cineasta e mãe atriz, me acostumei a buscar parecerias noutras áreas, assim busquei profissionais adentro do IA, professores e artistas que contribuíam para um entendimento de outros campos artísticos. O grupo, que iniciou

em 1995 com apenas três bailarinas do curso da dança, foi primeiramente uma plataforma de transição para alunos formados no curso de graduação indo para o âmbito profissional, ou seja, o grupo cumpriu um papel de formação de bailarinos. Estes intérpretes acabaram muitas vezes ingressando em outras companhias que estavam bem estabelecidas até 6 ou 7 anos atrás, quando os próprios bailarinos decidiram ficar e investir no grupo, que hoje é uma companhia consagrada e premiada.

Arte é pulsação, é uma necessidade absoluta que se impõe àqueles que a realizam. Todo artista traz em seus trabalhos vestígios de influências que absorve durante sua vida, oriundas de diversos âmbitos sócio/culturais. Inúmeros fatores compõem uma personalidade artística, uma maneira de olhar e recortar a realidade e de atuar na vida e na arte, que de todo não se encontram separadas. A Cia. Domínio Público trazia um pouco de frustração aos críticos quando insistiam em categorizá-la. Atualmente o debate gira em torno de como ocorre o hibridismo entre dança e os demais artes. Estes trabalhos corporais que se preocupam em discutir as formas de contaminação presentes no mundo fazem parte da chamada dança contemporânea. E, por ser tão vibrante e nova, os trabalhos que misturam as linguagens corporais estão afeitos a muita experimentação. Aliás, experimentar é uma das palavras-chaves da dança contemporânea. E sim, estamos voltando às épocas onde queremos olhar mais os processos e não conteúdos, como na época dos anos 60. O ato de criar nunca foi restrito apenas a linguagem da dança. Acredito que certas áreas atingem sensibilidades e criam percepções diferentes. A poesia do cinema alcança uma parte da nossa capacidade de recepção: A mesma coisa com um texto, a música, as artes visuais. E como trabalhamos e organizamos isso, os fluxos e convergências de informações transitando de um elemento para outro, é a arte do ofício.

Talvez não tenhamos que pensar apenas em categorias, pois nada é preto e branco, mas há muitas áreas cinzas neste meio, as categorias estão desfocadas, borradas. Se a voz quer vir que venha, se o texto vem, então que venha, nós estaremos integrando novas experiências desses componentes. Em vez de “está na hora de fazer a sessão de dança, na hora de fazer a sessão de teatro, de fazer a sessão de música” etc. O processo é muito mais intuitivo. Como se faz tudo funcionar? Vá em processo sem limites, basta fazer a sua parte. Tenho certeza de que tendo elementos que são partes da vida, que não pertencem exclusivamente a uma área, assim estamos buscando um olhar eclético. Depois, trabalhar essas partes com o

fluxo, ou seja, como um elemento move-se facilmente em outro. Como a voz (texto, som), é tratada como parte de toda a produção, da mesma forma que o corpo, como a dança, ação e gesto são também partes da produção.

Dentro deste texto temos dois depoimentos, ambas integrantes do grupo de pesquisa e da cia.

Pesquisadora: Maitê Neris de Lacerda Soares

Desenvolvo sob orientação de Holly Cavrell projeto que se intitula “Lá Fora: Investigações e Experimentações em dança”. Nesta pesquisa debruçamo-nos sobre as possibilidades geradas pelo deslocamento de obras coreográficas para diversos receptáculos e as forças motivacionais que levam os criadores a se lançarem fora do tradicional palco italiano.

Há vários pontos de intersecção entre a pesquisa que realizo e as propostas trabalhadas na Cia Domínio Público, ressaltando principalmente a reflexão sobre a participação do público nas obras e os lugares onde as mesmas acontecem, pensando que esses pontos se conectam e são, de certo modo, interdependentes. Estas discussões são observadas de modo mais evidente em peças específicas do repertório mais recente da Companhia Domínio Público, sendo elas “Posso Dançar Para Você”, “Suportar” e “Persephassa”.

Nos dois primeiros trabalhos citados pude acompanhá-los como espectadora e assistir a seus processos de elaboração; dentre outras discussões que cada apresentação propõe como tema, ambos trazem a possibilidade de composição com o espaço urbano, construindo junto ao fluxo cotidiano de ambientes da cidade uma possibilidade de existência para coreografias. Nos trabalhos em questão vemos a dança buscando vias de existir em meio ao fluxo urbano, contaminando-se dele e se inserindo no mesmo.

Já no trabalho *Persephassa*, no qual participei como bailarina, podemos ver o espaço no qual a dança acontece fazer parte de uma composição espacial específica. Este trabalho difere dos dois primeiros citados por acontecer em espaço protegido, controlado. No entanto, as relações público-plateia, os rituais de início e fim, luz, proximidade entre os que dançam, tocam e assistem não seguem a lógica do que acontece nas salas escuras dos teatros tradicionais.

A obra musical *Persephassa* criada em 1969 pelo compositor grego

modernista Iannis Xenakis é pensada para que o público possa ouvir de dentro de um espaço circular, rodeado por 6 ilhas de percussão cada uma habitada por um músico. Valendo-se desta ideia e em parceria com o Grupo de Percussão da Unicamp (GRUPU), sob a condução de Fernando Hashimoto, Holly configurou a coreografia para que pudesse existir para este mesmo espaço, dividindo com o público o local de recepção da música. Deste modo, aquele que assiste ao trabalho é levado a construir relações com a peça dentro das condições que se estabelece nesta zona circular.

Percebo que minha inserção no grupo faz com que eu possa compreender desenvolvimento de obras no contexto da companhia, levando a reflexões do contexto no qual a Cia Domínio Público está inserida e sua relação com vários aspectos sociais que também atravessam suas criações, desde suas relações com editais, ensaios até parcerias que incitam o grupo a criação.

Pesquisadora: Paula D'Ajello

Meu trabalho dentro da Cia Domínio Público é uma experiência de transitar entre intérprete e criadora, exercitando em cada momento um aspecto além do outro, sem fazer julgamentos. Vejo como um exercício de hierarquizar escolhas, mas permitindo o fluir desta relação potencializadora entre eu e o outro. A direção de Holly Cavrell instiga o intérprete a criar suas próprias estratégias para atingir outras formas de expressão através do corpo. Os trabalhos em que participei, *Persephassa* (2013) e *Posso Dançar pra Você?* (2012) são quase opostos em temática, estética e forma, mas eu já conhecia esta pluralidade e o estilo eclético das criações sob direção da Holly desde o trabalho de conclusão de curso *Vão de Passagem* (2009), que contou com a co-orientação de Renato Ferracini. Talvez tenha sido justamente esta abertura para a colaboração interdisciplinar que me encantou tanto neste grupo de pesquisa.

*Persephassa* é uma parceria entre a Cia Domínio Público e o GRUPU - Grupo de Percussão da Unicamp - dirigido pelo Prof. Fernando Hashimoto. O Grupo propôs a interpretação da obra de mesmo nome, do compositor e arquiteto grego Yannis Xenakis, escrita para sexteto de percussão e para ser executada em formação de arena. Nesta partitura, escrita para tímpanos, congas, tambores, pratos, pedras e apitos, a disposição do sexteto é ordenada de forma específica, pois o ritmo de seus instrumentos difere de acordo com a posição do músico em relação ao conjunto. O

público e os seis bailarinos dividem o espaço nesta arena sonora e criam uma atmosfera performática de atravessamentos. O processo de criação desta performance partiu basicamente da improvisação com a música, em que os bailarinos buscavam a reverberação dos sons e vibrações da composição em seus corpos, criando estados e movimentos numa interação constante com o coletivo. Juntos, os bailarinos foram estabelecendo certas matrizes de movimento, jogos e estados corporais que se repetiam, por meio dos quais a direção da Holly delineou as escolhas, dando ordem ao caos. Aqui o estudo iniciou pelas sensações e reações corpóreas que o ambiente sonoro nos provocava, para então de desdobrar em uma série de relações entre os bailarinos, os músicos e os espectadores. A criação se estabeleceu em uma estrutura de improvisação na qual o estado de percepção sonora e o constante fluxo das relações era o único movimento direcional.

A intervenção *Posso Dançar Pra Você?* foi criada em 2012, mas eu só comecei a dançar este trabalho em 2014. É uma dança modesta que pode acontecer em praças e calçadões de qualquer cidade. Formada por quatro bailarinos que surgem como simples casais românticos, mas vão transformando o comportamento cotidiano do centro de uma cidade em relações que podem passar de um extremo ao outro em segundos. Neste trabalho, a relação com o espaço e com as pessoas nas ruas dos centros das cidades provoca o intérprete a estabelecer um jogo constante com o outro, transformando a dinâmica do coletivo com suas ações e sendo atravessado por este movimento. Apesar de uma estrutura bastante objetiva, bem clara e delimitada dos movimentos do trabalho, a imprevisibilidade de estar na rua impõe aos intérpretes um estado espontâneo, em que a cidade é que direciona seu próprio ritmo, gerando a cada espaço uma intervenção diferente.

Além da participação nestes dois trabalhos, o acompanhamento da pesquisa da Cia Domínio Público em outros espetáculos, performances, oficinas, intervenções e processos criativos têm sido um espaço para o desenvolvimento e aprimoramento de meu trabalho como intérprete criadora. Reconheço a profundidade e extensão do trabalho que já têm 20 anos de existência, e admiro a abertura para troca verdadeira com outros artistas que se aproximam deste grupo, complementando sua diversidade e adicionando experiências.